

## Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder

Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008

### Tradição e Vanguarda em *lavoura arcaica*

Fernanda Muller (UFSC-CNPq)  
Teoria Literária; Crítica Cultural; Gênero  
ST 15 – Gênero, poder e corpo em contextos rurais

Simbolizada pelo binômio campo-cidade, a tensão mais evidente no romance *Lavoura arcaica* é o conflito entre tradição e vanguarda. Embora tal problemática seja recorrente na literatura, ela é abordada de modo singular por Raduan Nassar que evoca a experiência do desajuste por meio de diversos pares: liberdade e tradição, deriva e confinamento, retidão e loucura, repressão e luxúria. Mais interessante do que uma classificação em categorias diametralmente opostas, no entanto, é verificar o modo como esses pólos se tocam. Suas ambivalências e contradições que não deixam o texto se aprisionar dentro de um discurso metalingüístico e, ao mesmo tempo, fazem um convite sedutor para que se dê origem a um novo texto, percurso mental de leitura, jornada errante.

Raduan Nassar lança mão de duas estratégias principais para compor seu relato: as parábolas do pai e o êxtase hipnótico dos surtos do filho. Observando o primeiro deles, não escapa nem mesmo ao leitor mais distraído a familiaridade do texto com o lendário filho pródigo que abandona o lar para conhecer o mundo, retorna pobre e desiludido à casa paterna mas, apesar disso, é recebido com festa. Embora muito conhecida, qualquer semelhança com a parábola bíblica acaba por aqui. Isto porque a história que nos remete à redenção alcançada graças à infinita generosidade do pai diante do filho aventureiro não coincide com o texto em questão. Este polemiza não o ato de perdoar, mas a consumação do erro e o louvor do pecado.

Conhecida como um dos textos mais comoventes e edificantes da *Bíblia*, a “Parábola do filho pródigo”, proferida por Jesus, destinava-se a retratar o dilema entre a aventura mundana e a fidelidade temente a Deus: à fome e à miséria longe de casa contrapõem-se os braços acolhedores do Pai, mensagem do incondicional amor divino. Em contraste, Iohana, o patriarca no romance, opta pelo caminho inverso. O resultado é que ao impor autoridade totalitária e enaltecer a própria imagem como quem tudo pode e tudo controla, acaba por afastar os filhos de si. Além disso, enquanto o pai professado por Jesus pode ser destacado como imagem do homem zeloso e compreensivo que disciplina os filhos sem fazer uso da agressividade ou da violência; o pai em *Lavoura arcaica* ao invés de se tornar acessível eleva-se à deidade, impondo limites rígidos e restringindo liberdades. O resultado não poderia ser outro: a retidão elevada às últimas potências acarreta na ruptura, no desespero do último ato, na loucura do gesto derradeiro.

As demais personagens que compõem a trama - a mãe e os sete herdeiros do casal - também corroboram para evidenciar como se dão as complexas relações travadas com o genitor. A árvore genealógica descrita por André explicita bem o problema. Sustentada pelo pai que ocupava a cabeceira da mesa, este dá origem aos ramos retos e fortes da família, representados pelos quatro filhos sentados a sua direita. Do lado esquerdo, contudo, a mãe marca o início do galho nodoso, seguida pelos ramos tortuosos, os filhos André, Ana e Lula. Num ambiente de rigidez implacável e doçura raramente vista o equilíbrio é frágil. Se por um lado os filhos encontram o pulso severo do pai sempre a lhes espreitar, por outro, se deparam com a mãe amorosa a lhes acariciar: “se o pai no seu gesto austero, quis fazer da casa um templo, a mãe, transbordando no seu afeto, só conseguiu fazer dela uma casa de perdição”<sup>1</sup>.

Sem uma diretriz cronológica definida, o foco narrativo em primeira pessoa enfatiza a figura verborrágica de André, o filho insurgente, cujo contraste ao aproximar-se dos demais permite delinear os outros membros da família. O filho é um jovem alheio ao pequeno mundo chefiado por Iohana: sua rebeldia e sua revolta se dão, aliás, justamente em função do peso da tradição que o rapaz julga não ser autêntica, mas um ideário falso, mistificador e hipócrita. André não suporta os sermões paternos, o valor atribuído ao tempo, à paciência, à família e a terra, o abecedário judaico-cristão repetido à exaustão junto à mesa, a pacata e macilenta convivência com os familiares, além de demonstrar uma clara incapacidade de crer/obedecer guiado apenas pela fé dogmática partilhada pelos outros. Ele tem pressa, quer ser o “profeta da própria história” e viver com intensidade incompatível com a lentidão do crescimento das plantas. O tempo orgânico da vida no campo já não o satisfaz.

Ao deixar a casa a personagem leva consigo o precário equilíbrio que ainda mantinha a família unida, revelando o mundo asfíxiante da lavoura. Ficam para trás tanto o passar do tempo que consumia gerações quanto a rigidez moral que mantinha as estruturas sociais inalteradas. A esses motivos some-se o *pathos* que consumia o protagonista e culminaria com o incesto – fantasioso ou carnal. Ressalta-se neste íterim que o retorno à fazenda ao invés de resolver os conflitos revelou a distância abissal que os separava. A volta ao lar traz uma paz aparente, ilusória e precária, para um ambiente já inviabilizado. A palavra de fundo moralizante do pai revela sua ineficácia, seu arcaísmo. O retorno explicitará ainda mais os aspectos perturbadores do relacionamento entre os membros da família, com destaque para outros dois personagens: o caçula, Lula, que também pretende, a exemplo de André, abandonar a fazenda em busca de um mundo que tudo promete - o drama do êxodo rural -, e a figura cigana e sensual da irmã dançarina - o problema da sexualidade reprimida. Dramas, afinal, de uma família de descendentes árabes ou das famílias interioranas em geral?

O amor incestuoso que André nutre representa, nesta perspectiva, tanto uma releitura errante das palavras do pai de união e amor fraternal, quanto um marco na tentativa de implantar uma nova ordem: uma cultura que acolhesse os valores expulsos pela sociedade ortodoxa como mero lixo improdutivo, que aceitasse o desviante, o visionário, o erótico e o transcendente. Se o incesto é o elemento catalisador da tragédia maior, esta consiste na tentativa de derrubar todo um conjunto de preceitos e regras, de uma moral construída ao longo de gerações, enfim, da tradição de um grupo que se descobre unido por meio de laços que se desmancharam com o passar do tempo.

Na busca por um lugar seguro, a tensão mais evidente em *Lavoura arcaica* vem do conflito entre tradição e vanguarda, campo e cidade. Ora, como assegura Roland Barthes “todo discurso novo só pode surgir como o *paradoxo* que toma às avessas (e muitas vezes combate) a *dóxa* circundante ou precedente; ele só pode nascer como diferença, distinção, destacando-se *contra* o que se lhe cola”<sup>2</sup>. Assim, a vanguarda expressa por meio do discurso liberal de André só poderia conquistar terreno através da surpresa, da inovação, do choque ou do embate, como o faz nos diálogos em que revela primeiro ao irmão e depois ao pai a doença e a dor que o afligiam. Filho pródigo às avessas, ao invés da festa oferecida marcar o retorno do filho ao lar, a ocasião explícita de modo cabal a impossibilidade de coexistência e a incapacidade das partes de aceitarem-se umas às outras. Questiona-se: quais são os limites da convivência? Até que ponto a vida em família, no campo, na lavoura, poderia resistir aos apelos da modernidade, aos neons da cidade que conclama por seus filhos, sem se esfacelar devido a sua própria falta de flexibilidade para abrir-se às inovações, aceitando a diferença?

Talvez a maior dificuldade seja que em estruturas nucleares como a familiar as personagens ficam sujeitas aos desejos desenfreados umas das outras. Conseqüentemente, o grito de um moralista ou de um libertador pode ser lido como um indício da associação entre a liberdade plena e o impulso de morte. Pois, concretizasse o homem suas fantasias inconscientes a morte, conforme postula a Psicanálise, seria um evento inevitável e imediato. Rígido ou indomável, *Lavoura arcaica* nos coloca diante desse esforço para denunciar a falta de esferas para a sobrevivência e a realização do indivíduo. Diante da família que se extingue com o golpe furioso do pai, o que a cidade, o mundo lá fora, oferece? Como vivenciar uma existência integral sem se deixar abater ou aprisionar? Não seria uma súplica em busca de alguma instituição ou comunidade que venha suplantar o vazio o que a obra de Nassar conclama? Gérmem da renovação, o lugar ansiado por André nos remete à reflexão de Terry Eagleton, segundo o qual:

Precisamos imaginar novas formas de pertencimento – que, em nosso tipo de mundo, tenderão a ser múltiplas, em vez de monolíticas. Algumas dessas formas terão algo da intimidade das relações tribais ou comunais, enquanto outras serão mais abstratas, mediadas e indiretas. Não existe apenas um único tamanho ideal de sociedade à qual pertencer, nenhum espaço sapatinho-de-cristal. O tamanho ideal

de comunidade costumava ser conhecido como Estado-nação, mas mesmo alguns nacionalistas já não vêem mais isso como o único âmbito desejável.<sup>3</sup>

Alardeada por Nassar na voz de André, não seria para imaginar uma comunidade futura o convite do filho pródigo? Não é a comunidade a força evocada para lançar por terra a lavoura arcaica conferindo um real sentido à existência das personagens, integrando-as em uma dimensão maior?

O sentir-se estrangeiro das personagens que não encontram mais um “lar” nem no campo nem na cidade, nem na família nem na devassidão, ainda pode adquirir outras significações. Ao garimpar matéria literária no inconsciente, Nassar atinge a universalidade a partir de um plano rural e particular, nesse sentido fora do tempo. Conforme nos descreve Luis Augusto Fischer, ao ler *Lavoura Arcaica* tem-se a nítida impressão de que o tempo e o espaço da narrativa poderiam ser quaisquer outros, pelo modo como o texto se inscreve junto às mazelas mais íntimas do ser humano<sup>4</sup>. Afinal, *Lavoura arcaica* poderia ter acontecido ontem, como afirma tomando como base os aspectos da natureza humana, seus conflitos e vicissitudes. Como essa leitura não é excludente, podemos também situar a obra em um diálogo com seu tempo, pressupondo, para tanto, a renúncia a uma visão realista da sociedade focada no tema da ditadura. Os escritos de Raduan Nassar não se deixaram levar pela armadilha de "representar o seu tempo". Assim, o autor teria optado por outro caminho que, segundo o escritor manauara:

fugia do factual, do circunstancial, e aderiu a algo que penso ser importante numa obra literária: a linguagem muito elaborada que invoca um conteúdo de verdade, uma dimensão humana, profunda e complexa. Por isso, o romance de Raduan me impressionou tanto. E também por outros aspectos que eu chamaria de afinidades temáticas ou laços de uma cultura comum: o Líbano, com suas ressonâncias islâmicas, bíblicas e orientais que Raduan incorpora ao *topos* da volta do filho pródigo.<sup>5</sup>

Como bem sugerido, o universo do imigrante árabe pode ser lido em uma soma de traços, tal qual a paisagem da janela encoberta pela cortina. Isto porque as personagens em *Lavoura arcaica* não são descritas como árabes ou assim caracterizadas. A importância da casa como instituição, o papel desempenhado pelas mulheres, seu comportamento e sua dança, a centralização na figura do pai ou a forma como esta personagem investe-se de solene autoridade, até podem ser vistos como nuances que ajudam a criar um mundo de cores e imagens que não deixa de ser oriental. Todavia, como o Oriente é uma invenção do Ocidente, conforme o postulado de Edward Said, permanecemos igualmente no plano da ficção, no palco do discurso e no interior do texto.

Além da referência ficcional aos imigrantes árabes, atento para a imigração interna que encerrava um ciclo quando Nassar terminava de compor sua obra. Refiro-me ao fim da grande imigração rural, em curso no Brasil até meados dos anos 70. Abordando tal tema, José Hildebrando Dacanal faz um retrato da crise da literatura brasileira como fruto da incapacidade de abarcar

ficcionalmente a explosão demográfica e tecnológica das grandes cidades, além do esvaziamento e fim do mundo rural arcaico<sup>6</sup>. Embora cobrar da literatura a representação de certos temas seja uma atitude no mínimo polêmica, *Lavoura arcaica* de algum modo acerta as contas com a sua geração, uma vez que também não deixa de oferecer uma resposta à provocação do êxodo rural sem, no entanto, sacrificar o projeto estético e artístico. A ficção que aborda o interior de um Brasil arcaico nos leva a observar uma romaria de colonos rumando no sentido campo-cidade, representando, pois, a saga particular do deslocamento desejado, repellido e temido, recontado em outros âmbitos.

### *Considerações finais*

*Lavoura arcaica* nos coloca diante da afirmação de que já não há esferas seguras para a sobrevivência e a realização do indivíduo. Afinal, quando o “lar”, tencionado entre o campo e a cidade, mostra-se um discurso desfeito, como suportar uma existência descontínua e fragmentada? Adjacente de frente, a fronteira remete a uma firme tomada de posições, ao limite, ao extremo, ao fim. Por sua natureza, relaciona-se a um conjunto, a um contorno comum que define alguma coisa. Diante de tal conceito, Terry Eagleton enfatiza a importância de não se estar nem de algum lado distinto, nem de permanecer em cima do muro, mas antes, transitar por entre as marcações. Para o crítico: “estar dentro e fora de uma posição ao mesmo tempo – ocupar um território e ficar vagando ceticamente pela fronteira – é, com frequência, de onde brotam as idéias mais intensamente criativas”<sup>7</sup>

. No entanto, como o próprio autor adverte, a fronteira é um lugar cheio de recursos para se estar, mas nem sempre é isenta de dores.

Hannah Arendt, ao pensar na busca das pessoas pela segurança idealizada na figura da cultura, na imagem da pátria, assevera que "não ter raízes significa não ter no mundo um lugar reconhecido e garantido pelos outros; ser supérfluo significa não pertencer ao mundo de forma alguma."<sup>8</sup>. O resultado é que quanto mais confinados, quanto mais a cultura é utilizada no sentido de identidade e uma cultura deprimentemente uniforme é espalhada por todo o planeta, mais os homens e as mulheres agressivamente defendem a “cultura” de suas nações, vizinhanças ou religiões, temendo deparar-se com o esvaziamento do discurso. O extremo dessa postura implica que, quanto mais a cultura se estreita num nível, mais ela se espalha em outro. A brandura encontrou a resposta no dogmatismo, e essa resposta é ainda mais clara em meio aqueles que estão fisicamente distantes e isolados, mas não alheios ao que se passa a sua volta. Moeda de duas faces, por um lado não há nada retrógrado a respeito de ter raízes, uma vez que homens e mulheres necessitam tanto de liberdade e mobilidade, quanto de um senso de tradição e pertencimento<sup>9</sup>, mesmo que tais sejam discursivos. Por outro lado, se o dogmatismo toma conta, a reflexão torna-se quase impossível.

Fugindo do nivelamento, o brado de André contra o pai nos aproxima tanto do desejo de Oscar Wilde de uma sociedade futura na qual todos serão livres para ser seus incomparáveis si-mesmos, quanto do posicionamento de Jacques Derrida e Michel Foucault, que vêem de modo pessimista as normas como inevitáveis, desde o instante em que se abre a boca e se diz a palavra “folha”, massacrando sob o mesmo rótulo uma incontável gama de pedaços incomparavelmente distintos de matéria vegetal. A exemplo de Nietzsche, esses dois pensadores acreditam que o mundo é inteiramente feito de diferenças, e defendem que temos de forjar identidades se quisermos sobreviver. Uma postura complexa, visto que o impulso do pensamento pós-moderno é o de fetichizar certas posições, convertidas a um padrão enquanto se apagam as demais, como ocorre com a tentativa de unir de modo indissociável imagem e realidade, verdade e ficção, história e fábula, ética e estética, cultura e economia, arte culta e arte popular, esquerda e direita políticas, entre outras.

Se é um equívoco pensar que as normas são sempre restritivas, visto que necessárias em nosso tipo de sociedade para regular minimamente a convivência, quais seriam seus limites? Quando os limites ajudam a pensar e quando obstruem o pensamento? Diante da diferença, normas, pertencimento e regulamentação arremessam muitos na marginalidade. Mas, “e se, afinal, não existir nenhuma clara separação entre margens e maioria?”<sup>10</sup>. E se o verdadeiro escândalo do mundo atual for o banimento de quase todos para as margens? Pensar a partir desse limite mostra-se uma necessidade vital para um grupo que, de repente, não é mais meramente um grupo: somos cada vez mais todos nós, exilados onde quer que estejamos por forças além do nosso controle. E não é difícil observar o modo como este conceito opera. Agamben, Bauman e Eagleton apontam para a exceção como regra e para a globalização massificante como caminhos tomados pela humanidade ainda que nenhum de nós tenha sido consultado.

Cabe dizer, por fim, que a lavoura das parábolas bíblicas, do recato, do ensino e da comunidade patriarcal não corresponde ao inverso da cidade, da verbosidade, da devassidão, da arte e do cosmopolitismo do filho. Os valores do campo contrastam-se com os da cidade, mas nem um nem outro são categorias estanques. Signos relacionais, tentamos evidenciar no modo como se combinam e mesmo se alternam a tensão do discurso, lançando luz sobre temas como a doença mental, o desejo, a sexualidade reprimida e o êxodo rural. Visando um diálogo que problematizasse essa transição moderna na forma de fronteiras apagadas ou impositivamente erigidas, Nassar perturba os limites da linguagem. Faz refletir a questão do gênero numa sociedade patriarcal e sua contraparte num utópico lócus do devaneio e da luxúria. Também toca na questão do imigrante mas não se restringe a ela nem tampouco oferece o próprio reflexo para tal, preferindo perambular pelo universo da fuga e do devaneio. Defendendo ou perseguindo a lassidão da linguagem e a hibridez da cultura, as personagens acabam por se deparar com os limites da comunicação, e mesmo sua

impossibilidade, diante de uma tradição insustentável. O sofrimento não decorre apenas da confusão entre campo e cidade, cujos limites ficam embaralhados, mas de decretar a família rural marcada pela impossibilidade de coexistência e de aceitação mútua. Fim da esperança, descrença na tradição e na vanguarda.

### Referências

ARENDRT, Hanah. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BARTHES, Roland. “A morte do autor”; “Escritores, intelectuais, professores”. IN: *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64; 385-411.

DACANAL, José Hildebrando. “A desagregação da narrativa real-naturalista: crise cultural e ficção nos anos 70/80”. IN: *Era uma vez a literatura*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1995.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Trad. Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.

FISCHER, Luis Augusto. “Lavoura arcaica foi ontem”. IN: *Organon: Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, nº17, p. 14-26, 1991.

FOUCAULT, Michel. “Omnes et Singulatim: uma crítica da Razão Política”. IN: *Estratégia, Poder-Saber*. Trad. Vera Lúcia Avelar Ribeiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 355-385.

HATOUM, Milton. “Os companheiros”. IN: *Caderno de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles. n. 02, set. 1996. p. 19-21.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

---

<sup>1</sup> NASSAR, *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 136.

<sup>2</sup> BARTHES, “Escritores, intelectuais, professores”. IN: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 395.

<sup>3</sup> EAGLETON, *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005, p. 38.

<sup>4</sup> FISCHER, “Lavoura arcaica foi ontem”. IN: *Organon: Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, n. 17, 1991, p. 14-26.

<sup>5</sup> HATOUM, “Os companheiros”. IN: *Caderno de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles. n. 02, set. 1996, p. 20.

<sup>6</sup> DACANAL, “A desagregação da narrativa real-naturalista: crise cultural e ficção nos anos 70/80”. IN: *Era uma vez a literatura*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1995.

<sup>7</sup> EAGLETON, op. cit., p. 64.

<sup>8</sup> ARENDRT, *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 347.

<sup>9</sup> EAGLETON, op. cit., p. 79; 38.

<sup>10</sup> EAGLETON, op. cit., p. 36.